

Adolescente que morava no bairro rural de Rodeador, em Brazlândia, morreu no dia 25 de abril. Outros seis casos são investigados pela secretaria. Gama e Planaltina também já registraram a doença

# Hantavirose tem morte confirmada

CECÍLIA BRANDIM

DA EQUIPE DO CORREIO

**A** Secretaria de Saúde confirmou ontem a primeira morte por hantavirose deste ano. Edson Luís Queiroz Pereira, 17 anos, morava em uma chácara no bairro rural de Rodeador, em Brazlândia. A cidade é a terceira a ser atingida pela doença em 2005. Gama e Planaltina também registraram casos de contaminação, que evoluíram para a cura. O adolescente deu entrada no Hospital Regional de Brazlândia na manhã do dia 25 de abril com febre alta, dores no corpo e falta de ar. O rapaz não resistiu e morreu no começo da tarde. O caso de Edson chegou a ser retirado da lista de suspeitos da doença pela secretaria, que passou a investigar apenas a causa do óbito súbito. A Diretoria de Vigilância Epidemiológica investiga outros seis casos. Os nomes dos pacientes e o local onde moram não foram informados. "Essas informações só serão divulgadas se os casos forem confirmados", disse o subsecretário de Vigilância em Saúde, Elias Tavares.



EDSON JOGAVA FUTEBOL NA EQUIPE DO JAGUAR

Mas a secretaria já havia revelado a suspeita de um caso em Brazlândia, outro no Núcleo Rural Café sem Troco, próximo a São Sebastião, e um terceiro no município goiano de Marajó, a 70 quilômetros do Plano Piloto. Para a família do adolescente, a confirmação chegou como um alerta. A mãe da vítima, Maria Helena Leite de Queiroz Pereira, 36, não sabe ao certo o que fazer para prevenir outros casos na família. Edson tinha quatro irmãos. Todos moram na chácara Santa Luzia, uma propriedade de 37 hectares. "Até agora, ninguém da Vigilância Sanitária apareceu para dar orientações. É difícil manter uma chácara sem ter trabalhadores andando no meio do mato. A gente planta milho, verdura, abóbora. Além disso, temos animais, como é que vou controlar isso?"

A dona-de-casa disse nunca ter visto o roedor que transmite a hantavirose na chácara. "Posso até proibir meus filhos de saírem, cuidar para que não entrem ratos em casa, mas não sei o que fazer mais. Já perdi um filho, Deus me livre de ficar sem outro", lamenta. Durante o mês de abril, os mora-

dores da região receberam a visita de técnicos da Diretoria de Vigilância Ambiental e orientações sobre os cuidados para que o rato silvestre, transmissor da doença, não seja atraído.

## Sintomas

Edson jogava futebol no time do Jaguar Esporte Clube, em Taguatinga. Um dia antes de ser levado ao hospital, um domingo, ele saiu de casa para uma partida entre amigos. Já sentia cansaço e voltou para casa com febre alta. "Pensávamos que era uma gripe", conta a mãe. Os sintomas começaram a aparecer no sábado, dois dias depois de o adolescente ter entrado no mato, quando brincava de se esconder com os irmãos. "Ele era muito saudável, nunca tinha adoecido", lembra.

Somente na madrugada do dia 25 começou a vomitar, ter diarréia e sentir dificuldade para se locomover. Mesmo assim, chegou pela manhã, por volta das 9h30, ao hospital em boas condições físicas. Explicou para os médicos o que sentia. "Mas não fizeram nada demais", reclama a mãe. A Secretaria de Saúde reconhece que não é tarefa fácil identificar os casos suspeitos, justamente porque os sintomas são facilmente confundidos com a gripe ou uma virose. "Acho que não basta a população contribuir para evitar a doença, os médicos têm de estar preparados. O melhor atendimento é do Hospital de Base, mas o que adianta se os ratos estão em Brazlândia?", diz a dona-de-casa.

A Diretoria de Vigilância Epidemiológica promete capacitar todos os profissionais da rede de saúde para que o protocolo de atendimento médico, que inclui exames de sangue e raios X, seja cumprido. O programa deve começar até o fim de maio, quando completa um ano do primeiro caso confirmado no DF.

No ano passado, 37 pessoas foram vítimas do mal no DF e Entorno. O surto só se encerrou quando o ciclo da doença, que ocorre durante o período de seca, acabou. Os três casos confirmados este ano revelaram que as comunidades dos núcleos rurais e periurbanos devem voltar a adotar medidas de prevenção.

COLABOROU MARIA FERRI

Monique Renné/Especial para o CB/28.4.05



A DONA-DE-CASA MARIA HELENA TEME QUE OS SEUS OUTROS QUATRO FILHOS TAMBÉM SEJAM CONTAMINADOS

## 37 casos em 2004

Foram mais de cinco meses de medo em 2004. A partir da primeira morte, em maio, o brasiliense assistiu ao aparecimento de um surto de hantavirose, com casos em vários pontos do Distrito Federal e Entorno. O mal, registrado pela primeira vez em São Sebastião, fez vítimas em Ceilândia, Paranoá, Gama, Recanto das Emas, Sobradinho, Brazlândia, Planaltina e até em áreas nobres, como Lago Sul. No total, 37 pessoas foram infectadas no DF e Entorno — 16 morreram e 21 pacientes conseguiram a cura. Só no Distrito Federal, foram 11 mortes. A população das zonas de risco, áreas rurais e periurbanas, teve de aprender a tomar medidas de prevenção e a conviver com o mal.

A primeira morte foi a de uma moradora de São Sebastião, em 22 de maio. Um dia depois, outros dois jovens, uma do Itapoã e outro de São Sebastião, morreram com os mesmos sintomas. Até aquele

## MEMÓRIA

momento, a Secretaria de Saúde descartava a ligação entre os casos, mas pedia à população que procurasse imediatamente um posto de saúde, caso tivesse febre, falta de ar e dores no corpo.

Na semana seguinte, 11 pessoas com febre, fortes dores no corpo e fraqueza muscular deram entrada nos hospitais regionais da Asa Norte (Hran) e do Paranoá (HRPa). E outro morador de São Sebastião, o caseiro de uma chácara no bairro Conquista da Vitoria, Francisco Gomes da Silva, 24, morreu no Hospital de Base. O então secretário de Saúde, Arnaldo Bernardino, apontou pela primeira vez a hantavirose como causa das mortes, mas não descartou leptospirose e dengue. Na sexta-feira, 28 de maio, São Sebastião teve as ruas tomadas por moradores que saíram de máscara para se proteger da poeira, com medo de infecção pelo mal desconhecido.

Com os primeiros resultados dos exames feitos pelo Instituto Adolpho Lutz (IAL), de São Paulo, em mãos, o secretário de Saúde confirmou que as mortes tinham como causa o

hantavírus. Assustada, a comunidade de São Sebastião passou a ser vítima de preconceito. Uma babá moradora da cidade chegou a ser colocada em quarentena pela patroa, e o comércio amargou perdas de 30% nas vendas. Em junho, o Ministério da Saúde entrou no caso e intensificou as ações de combate à doença, junto com a secretaria, que trabalhou no controle de roedores. Oitenta técnicos da Vigilância Ambiental e 31 agentes da Vigilância Epidemiológica começaram uma varredura em residências e chácaras no dia 3 de junho. Eles fizeram desratização das casas e procuraram focos de ratos na mata.

A doença se espalhou no Entorno. Hellen Aragão Salerno, 39 anos, moradora do Guará que tinha um hotel-fazenda em Pirenópolis, e o lavrador de Cristalina Laurindo Pereira dos Anjos, 51, morreram com os mesmos sintomas. No dia 30 de julho foi confirmado o primeiro caso na área central de Brasília. Foi Antônio Barreto de Paiva, 52, morador do Lago Sul e assessor da presidência do Banco Central, o último caso de 2004.

## OS CASOS

### Confirmados

Paulo Roberto Almeida, 25 anos, morador do Jardim Roriz, em Planaltina. Ele se curou.

Um morador do Gama cujo nome não foi revelado pela Secretaria de Saúde, que também se curou.

Edson Luís Queiroz Pereira, 17 anos, morador do bairro rural Rodeador, em Brazlândia. Morreu no dia 25 de abril

### Suspeitos

Seis pacientes estão com os nomes na lista oficial de investigações de hantavirose. A Secretaria de Saúde não revelou os nomes, nem onde moram

## PREVINA-SE

### Em áreas verdes

Não se deite diretamente na vegetação, nem transite descalço, usando sandálias ou calçados abertos. Se encontrar algum roedor, não se aproxime, mesmo que esteja morto.

Em acampamentos ou passeios, não consuma frutos caídos ou próximos do chão. Procure sempre locais abertos, expostos ao sol. E use barracas com fundo impermeável, para evitar qualquer contato com o solo.

Procure manter o local onde estiver limpo, livre de restos de comida ou lixo. Mas evite varrer o chão seco, porque o movimento faz com a poeira suba. O lixo deve ficar em depósitos fechados, apropriados para coleta.

Um solução de água e água sanitária mata o vírus. Pode ser usada em limpezas, na proporção de um décimo de água sanitária.

### Na cidade

Feche as aberturas e frestas nas casas. As janelas devem ser mantidas abertas.

Corte a grama, os arbustos densos e elimine fontes de água e alimentos para roedores em um raio de 50 metros de casa.

O lixo deve ser depositado em latões com tampa ou em sacos plásticos duplos sobre um suporte de 1,5 metro de altura.

Fonte: Secretaria da Saúde do Distrito